

DEBATE-PAPO

SOL & SOMBRA

De Proust culpado
à casa dos pardaisJORGE
LISTOPAD

28 de Março – Último “Zapping”. Não vi todos. Não vi inteiros. Porém, o último “episódio”, a rapsódia intitulada “Casamento”, o casamento deveras daqueles anjinhos perdidos, abençoado por João Mota no papel de padre diabólico – e tudo a lembrar, de

longe, o Bulgakov de “Margarida e o Mestre” – vi inteiro. As cenas lindas não para morrer mas para viver a nossa, bem nossa fragilidade e falibilidade no mundo tremendo, terno e parvo, polvilhado do sal e açúcar dos nossos desejos. Parabéns *post mortem*. Idem para a coragem da RTP2.

1 de Abril – Quatro Caminhos. “Alminhas” do Teatro Regional da Serra de Montemuro, na Culturgest. Quatro endireitas (teatrais) contra a má disposição, quatro simpáticos nos quatro caminhos sinuosos e perigosos entre os dia-



responde a Pardal (tal qual) e aquele senhor, que ainda existe, de profissão

livreiro, tem as suas ideias. Colecciona autógrafos que pede às pessoas célebres rogando-lhes, além das assinaturas, um desenho de um pardal – vrabec – segundo a imaginação e jeito de cada um. O senhor Vrabec já tem uma colecção ímpar; um dia entra no Guinness e as crianças serão obrigadas a visitar o património, no meio do jardim repleto de pardais vivos, mortos e desenhados e porque a vida é luta, os gatos não andarão longe.

11 de Abril – Coisas de Partir. Não sei como chamar à poesia de Ana Luísa Amaral de quem estou a ler o último livro – mais livro do que apenas recolha, apesar da sua delgadeza – e que dá pelo nome a soar ambíguo “Coisas de Partir” (Gótica). Não sei como chamá-lo mas quero encontrar o termo. Talvez assim assegurasse uma chave, uma das chaves para a leitura difícil. Escolhi: a poesia indirecta.

“SPARK”
Ray B. Barber
4/16/87

bos, as máscaras, a antropologia metedica e algo revisteiro (sic!), quatro narrativas testemunhais – mas o que falta é o **lugar estratégico**: o ponto donde tudo vem e aonde tudo volta, onde e porquê tudo começa e acaba. O pacto social entre os narradores e os ouvintes, entre os comediantes e o público, confirmou-se **in loco**. Eu vi. Todavia, pessoalmente, fiquei decepcionado. Prometeram(-me) mais. Ainda prometem.

3 de Abril – À procura do Proust perdido

Um bom romance policial não deve nada a ninguém. Não é o caso do livro de Estelle Monbrun, “**Morte na Casa de Proust**” (Pergaminho); sem ser um grande **thriller** deve muito, senão tudo, a Marcel Proust, às suas três mil páginas de “**À Procura do Tempo Perdido**”. É aí que a porca torce o rabo – sem Proust nada feito: o assassino cometido num dos sítios autênticos das reminiscências obsessivas de M.P., durante o Congresso do **Proust Association**, não só apresenta a confusão da colectividade intelectual em volta do crime cometido contra a pouco simpática Presidente da dia **Association**, mas define um retrato de cada um dos participantes (parece que nos meios literários proustianos reconhecíveis), virtualmente culpado. O texto, sensata e menos sensatamente salpicado de citações proustianas, aplicadas ao caso. O livro, pois, de concepção ultra-literária, sem uma técnica perfeita que permitisse a virtuosidade – aqui necessária. Porém, os amigos de Proust e afins, idem os cultores dos policiais atípicos, reconhecerão o lado inédito, original e crítico do policial sem suspense enigmático mas de aprendizagem cultural.

5 de Abril – Falha. Quase uma peça, quase happening, quase provocação, numa transparente sala quase sem condições, nessa ilha no meio de Lisboa que se chama Instituto Supe-



RENÉ BERTHOLO. **SEGREDOS**. GALERIA FERNANDO SANTOS

rrior de Agronomia, ISA para os amigos. Aliás, sempre de relações corteses para com as artes em geral e para com o teatro em particular. Agora, anfitriões, durante cinco semanas – até 21 de Abril – de um grupo jovem, um tanto inocente, insólito, apresentando uma peça sem pai, i.é, uma criança de amor improvisado, de nome “**Falha**”. O nome do Grupo – **Teatro Cru**. Mas um dia, quem sabe, irá fazer **Pedro o Cru**, a obra-prima de António Patrício, em vez dessa pecinha que vive da vanguarda requentada, mediante a técnica esforçada, mas de energia ainda que fragmentada, dispersa, a considerar. Dito sem paternalismo, olé!

7 de Abril – Casa dos Pássaros. Jaime Rocha é poeta, publica a ficção mas, talvez eu me engane, de tudo o que agora mais gosta é de teatro – como sujeito activo e passivo, o fazedor, o espectador. Várias vezes premiado, menos vezes representado: estamos em Portugal. Mas que não se queixe muito, há casos piores. Mal mestre Avilez voltou à casa entre Cascais e o Estoril, sem o fardo do Teatro Nacional, montou-lhe **Casa de Pássaros**. O texto de fábula neurótica, bem urdido enquanto dis-

creto, excepcionalmente felizes os diálogos quando não incontinentes, mas também um saber em introduzir o silêncio, o não-dito, em resumo – algo inglês embora não o **cool dramatic** da moda actual. A peça está bem servida pelos quatro actores presentes: Fernanda Neves, a muda eloquente, o corvo preto, a lembrar a criada de Petra von Kant (Fassbinder), pungente, concentrada; Anna Paula, a cratera da paixão, mas também o tédio em via de transgressão, antecipando-se à morte dos sentidos. Técnica de primeira; Flávia Gusmão traduz bem o clima e o tom de emergência da geração jovem; Marco d’Almeida, no ingrato papel, a bola de bilhar (metáfora), sem saber onde meter as mãos (sem metáfora).

Há coisas de foro diferente no TEP que me desassossegam: a concepção do “acompanhamento” musical, arrastando consigo os modelos super-conotados; até a luminotécnica desta vez deveria ir mais longe: o espaço cénico ter-lhe-ia servido.

9 de Abril – A casa dos pardais. Era uma vez um Senhor Pardal (e porque viveu em Praga, chamava-se Senhor Vrabec, o que cor-

A poesia, por tradição, por vocação, habitualmente acha-se numa situação imediata ou mediata, porém sempre directa, dirigida. Ora, os versos da autora como se enunciassesem a ciência do sismógrafo, cientificamente limpa, objectiva, de sistema eventualmente criptográfico. Cansa, esta poesia? Volto a ela de novo; a autora, engenheira química – ou alquímica imaginária, segue o meu voltar de páginas

O que agora precisava era esta árvore em desequilíbrio

onde uma casa pudesse estar: delicado equilíbrio sem ser de catedral... (p.32)

